

biografias autobiografias antibiografias

A assinatura inventa o signatário.

J. Derrida

Espécie de praga ou peste, o biográfico está por toda parte. Dos evangelhos bíblicos – as quatro *biografias* de Jesus, segundo o demonstra o filósofo Emanuele Coccia no texto de abertura desta edição – ao último empreendimento da construtora Odebrecht em São Paulo (o anúncio recente de um edifício chamado “Biografia”). Trata-se, como fica claro, da “religião do capitalismo”, do cristianismo secularizado, do “Quanto custa Jesus”, como se perguntava Paulo Leminski em *Jesus a.C.*, uma das quatro biografias breves e insólitas que escreveu no início da década de 1980. Pergunta que, como é óbvio, não (se) fará o chamado *lobby* imobiliário, tão apocalíptico e tão sensível, por outro lado, às “tendências do mercado”, a ponto de se apropriar de um termo novamente em voga, com direito a departamento próprio na City University of New York desde 2008.

Das três palavras do tema da presente edição, colocou-se o acento, desde a chamada para contribuições, no caráter antibiográfico de toda biografia ou autobiografia, traço reforçado de modo radical pelos dois textos de abertura, o segundo, “Duas epígrafes e uma breve reflexão sobre o valor biográfico”, especialmente escrito para *outra travessia* por Diana Klinger. Nele, a ensaísta recorre à poesia e, mais especificamente, a *Monodrama* do poeta Carlito Azevedo, para pensar a questão do contemporâneo e da pós-autonomia, “já não a partir da suposta anulação de valores literários, mas como uma forma de ler e de entender a literatura como uma continuidade e uma posição diante da *vida*”. E *Vida*, diga-se de passagem, se chama o livro contendo as quatro antibiografias de Leminski (devotadas, além de Jesus Cristo, a Leon Trotsky, Matsuo Bashô e Cruz e Souza).

Nos demais ensaios, os colaboradores transitam de sensíveis abordagens derridianas do espaço auto-bio-gráfico a competentes leituras de uma gama heterogênea de autores especí-

ficos, brasileiros e estrangeiros. São eles: Nuno Ramos, Carlos Liscano, Art Spiegelman, W. G. Sebald, Osman Lins, Gilberto Freyre, Tennessee Williams e Cristovão Tezza. Destaque-se, finalmente, as menções determinantes a Bernardo Carvalho e a Juan José Saer, feitas, respectivamente, por Diana Klinger – a propósito de “Em defesa da obra”, polêmica intervenção do escritor brasileiro – e por Antonio Marcos Pereira, cujo ensaio (auto)crítico e (auto)irônico apresenta “alguns resultados de um trabalho de leitura sistemática de biografias literárias e de textos de natureza crítica e teórica voltados para o gênero biográfico”.

Empregue-se, então, com toda a potência desta e de *outras travessias*, o “teorema da impossibilidade da verdade biográfica” devido ao último Freud, nos termos do jovem filósofo italiano, autor de *A vida sensível* e *Angeli. Ebraismo Cristianesimo Islam* (com Giorgio Agamben). É dedicada a este “teorema” a décima-quarta edição da revista.

Os editores